

O LIVRO DAS MÃOS



O livro das mãos

Gisela Gracias Ramos Rosa



MOINHOS

Dedico este livro a todos os que amo e fazem parte da minha vida,

*Ao meu filho Hélder, à minha mãe Margarida,
à memória do meu pai Alberto e do meu tio António*

*Aos amigos Inez Andrade Paes,
Maria Teresa Dias Furtado
e Alfonso Pexegueiro*

Tudo está em nós.
Holderlin



na orla do silêncio,
as mãos



De argila somos com água concebidos
do enlace o molde a estrela o sopro.

Abro as mãos e encontro as linhas
o espelho que me liga às tuas mãos.
Unimos os gestos ao ritmo de corpos
dobrados pelo silêncio que se interpõe
ao ruído do mundo.
O meu gesto e o teu abrem o mundo
com as mãos

A Alfonso Pexegueiro

Num gesto compus o silêncio
libertava-me do ruído dos dias
das máquinas que esmagam o ângulo
das aves o átimo de esperança
no plano inclinado das coisas à distância
alonguei o movimento das mãos à árvore
à flor à pedra para regressar descalça
ao recorte intenso da pulsação da terra
era agora a promessa de um gesto inaugural
na orla do silêncio o centro inteiro

Lavrando o dia e a noite chamei a mim
os animais da confiança e do sonho
e no guião da vida surgiram pegadas
revelando uma escrita antiga
inicie-me com a tinta de água no poema
num texto de malha densa traçando
o complexo contexto humano
desde então os animais da ira perscrutam
o meu caminho e com medo inventam
palavras díspares com animosidade e perfídia
iludem em descaminho.

Lavrando o dia e a noite chamo a mim todos os animais
da confiança para que a vida seja horizonte e sonho

Alma, buscarte has en Mí,

Y a Mí buscarme has en ti.

Santa Teresa de Ávila, *in* Seta de Fogo

Escrevo para sarar a asa ferida da origem
e num movimento de dança liberar o impulso da
imagem incompleta com afecto

venho a esta casa reconhecer o fogo onde
construo voos serenos que trago na percepção
dentro do espaço, um espelho de íntima sombra
na claridade de um instante

e porque à memória não devo o sacrilégio
do fogo roubado, encontro a flor inesperada
da montanha no momento em que tudo se toca

ainda que na outra asa surja a cumplicidade
dos pássaros embriagados pelo fogo da rota
as mãos abrem e sagram o invólucro branco
que me guarda

e volto ao entendimento da pele, em certos dias
em que o fogo irrompe em transparência e isso
basta para abraçar com subtil afago todos
os signos da bondade

A Inez Andrade Paes

Está no corpo o centro do que ainda não tem nome
a dança contínua em projecção esculpida contra o vento
elevamo-nos na promessa de encontrar essa linha ao meio
que em diagonais se configura e em movimentos se cumpre
por isso amamos toda a dança que no tempo esboça
o que ainda não tem nome